

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Mayara Hemann Lamberti

FILMES COM PROTAGONISTAS INFANTIS:
Uma possibilidade de aprendizado significativo sobre ditaduras na
América Latina

Porto Alegre
2015

Mayara Hemann Lamberti

FILMES COM PROTAGONISTAS INFANTIS:
Uma possibilidade de aprendizado significativo sobre ditaduras na
América Latina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Magalhães Foohs.

Porto Alegre
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por ser a base fundamental da minha existência, não apenas biologicamente, mas de todas as formas possíveis de se vivenciar o amor de mãe.

Ao meu pai, por ser o meu pé no chão sempre quando me perco e me ensinar que momentos ruins são apenas uma pausa entre as maravilhas que a vida pode nos proporcionar.

À minha irmã, por ser a minha esperança em todo o amanhã que chega e muitas vezes a inspiração da minha persistência.

Aos demais familiares presentes em minha vida, especialmente à minha querida Dinda, por serem o berço de afeto e segurança que eu sempre dispus.

Às amigas e colegas da E. E. E. F. Dr. Emílio Kemp, por todo o carinho, ajuda e compreensão durante essa etapa de minha formação.

E aos meus alunos de ontem e de hoje, por me inspirarem cada dia a ser uma professora e uma pessoa melhor e nunca desistir de salvar o mundo. Eles inspiraram esse trabalho.

RESUMO

Este trabalho consiste na investigação da influência da presença de protagonistas infantis em obras cinematográficas de temática histórica, especificamente sobre ditaduras na América Latina, na construção de um conhecimento significativo de História, por meio das impressões dos alunos sobre os filmes. Para isso, foi realizado o cotejo entre dados obtidos com os alunos após exibições de dois grupos de longas-metragens, aqueles com protagonistas infantis e os demais sem protagonistas infantis, ordenados em duplas conforme sua nacionalidade: brasileiro, argentino e chileno. Os instrumentos de pesquisa de natureza comparativa e individual proporcionaram informações que são analisadas em diferentes frentes de preferência, retenção de informações históricas e identificação com os personagens, com base em bibliografia consagrada na área.

Palavras-chave: Cinema e História; Ensino de História; Protagonistas infantis.

MOVIES WITH CHILDREN PROTAGONISTS: A possibility of significant learning about dictatorships in Latin America

ABSTRACT

This work consists on investigating the influence of the presence of children protagonists in films of historical subject, specifically about dictatorships in Latin America, building a significant knowledge of History, through the impressions of students about the movies. For this, it was performed the comparison between data obtained with the students after views of two feature film groups, with children protagonists and without them, ordered in pairs according to their nationality: Brazilian, Argentine and Chilean. Two questionnaires, comparative and individual, provided information that is analyzed on different preference fronts, retaining historical information and identification with the characters, based on well-known literature of the area.

Keywords: Cinema and History; History Teaching; Children Protagonists.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ordem de importância dos quesitos na preferência dos filmes	24
Figura 2 - Dados da escolha do personagem preferido entre filmes "Com protagonistas infantis" e "Sem protagonistas infantis".	33
Figura 3 - Ordem de prioridade das razões de preferência dos protagonistas infantis.....	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Instrumentos recebidos após as exibições dos filmes, indicando a frequência dos alunos envolvidos na pesquisa.....	20
Tabela 2 - Números gerais dos resultados com instrumentos comparativos aplicados após as exibições de cada par de filmes sobre o mesmo país.	23
Tabela 3 - Ordem de importância dos quesitos na preferência dos filmes	25
Tabela 4 – Números gerais dos questionários individuais sobre os filmes.	32
Tabela 5 - Ordem de importância dos quesitos na preferência dos protagonistas infantis.....	34

LISTA DE SIGLAS

UFRGS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CINTED

Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. O CINEMA, A HISTÓRIA E A APRENDIZAGEM	13
3. PROTAGONISTAS INFANTIS X DE MAIS PROTAGONISTAS	22
3.1 A preferência entre os filmes	23
3.2 As razões de preferência.....	23
3.3 Com qual filme se aprendeu mais sobre história	28
3.4 Em qual gostou mais dos personagens	29
3.5 Qual mostraria a um amigo	30
4. OS PROTAGONISTAS INFANTIS NOS FILMES DE HISTÓRIA.....	32
4.1 A escolha do protagonista	33
4.2 A comoção com sua história.....	35
4.3 Suas ações durante o filme	35
4.4 Gostou do ator	36
4.5 Faixa etária	37
4.6 Suas qualidades	37
4.7 Teve dificuldade de compreensão.....	38
4.8 Aprendeu alguma coisa	40
4.9 Identificou com o protagonista	43
4.10 Cena predileta	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

1. INTRODUÇÃO

Ao acender das luzes, no encerrar da sua última sessão do século XX, o cinema se transformava, ao passo da grande metamorfose constante que se tornou a sociedade ocidental que o gerou. Descobria-se aos poucos que, assim como ele próprio se reinventava, fazia parte de outras grandes transformações que vão muito além das salas de projeção que o abrigam. O cinema é coadjuvante na história de outros aspectos da sociedade, que se transformavam naquele século, como a educação, nossa ocupação neste trabalho. No Brasil, os filmes saíam de suas salas, seus projetores, seus grandes templos de calçada, para adentrar nas salas de aula, e mais além, no imaginário de crianças e adolescentes, alunos de uma escola empenhada em observar e reproduzir, mas que recebiam aquele novo visitante do ambiente escolar com o olhar curioso de quem sabe que aquele amigo teria muito mais histórias para contar, muito além do que este revelava em um primeiro momento. E assim foi acompanhando as mudanças do tempo e as transformações daqueles alunos, daquelas escolas, daquele mundo do qual tinha se originado, o cinema tomou seu espaço nas salas de aula e nas relações de ensino-aprendizagem.

Desde a sua origem, a história do cinema é permeada por temáticas históricas, tornando-se o próprio cinema também, intencionalmente ou não, um agente da história. E é sobre as possibilidades do uso do cinema para o ensino de História que este trabalho se debruçará. Mais especificamente, em sua potencialidade no uso em sala de aula, investigando uma particularidade dos filmes que podem ser empregados nas aulas de História: a presença de protagonistas infantis nas obras cinematográficas ditas históricas¹ e como essa característica influencia na percepção do filme pelo aluno e auxilia na sua compreensão.

Para isto, este trabalho irá se concentrar em uma das temáticas mais delicadas no trabalho em sala de aula, nas aulas de História: ditaduras na América do Sul (Brasil, Argentina e Chile). Isto porque o conteúdo de ditaduras é uma área rica em material fílmico para o trabalho em sala de aula, apresenta um terreno propício para discussões e reflexões em torno da presença de protagonistas infantis no enredo de suas obras cinematográficas, e também é tema de grande destaque no atual cenário acadêmico brasileiro, devido a nosso momento histórico na consolidação de liberdades democráticas.

¹ Serão considerados aqui “filmes históricos” aqueles nomeados assim por Cristiane Nova como *aquele que possui como temática um fato histórico*. NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da história. *Olho da História*, Salvador, v. 2, n. 3, dez. 1996.

Logicamente, a temática escolhida serve como apoio para pesquisa de uma questão aplicável a todos os conteúdos de História, e também a todas as demais disciplinas que se valem de filmes para suas práticas de ensino, visto que este é recurso recorrente nas estratégias de sala de aula. Muito além de focar metodologias de ensino de história, este trabalho justifica-se no auxílio ao necessário aprimoramento das práticas de ensino, que se constroem a cada dia dentro de cada sala de aula. A escolha da temática dos protagonistas infantis surge em um momento em que, freneticamente conectados e em sintonia com o mundo, as crianças e adolescentes sentem-se cada vez menos “impressionáveis”. É verdade que o uso do filme em uma aula, por si só, torna-se um atrativo a mais para conseguir atingir a expectativa do aluno, porém, para que a experiência de ensino-aprendizagem seja o mais profícua possível e para que os objetivos que se buscam atingir com aquela exibição, superem a mera observação e apreensão de informações, é necessário que nos empenhemos em buscar recursos que potencializem a experiência da leitura cinematográfica como fonte de conhecimento histórico e que, além disso, tornem-se verdadeiros exercícios de desenvolvimento do olhar crítico sobre nossa sociedade.

Com tudo isso, devemos analisar: como o cinema vem sendo tratado em sala de aula? Quais suas condições de uso? Há uma evolução naquela antiga forma de visualizar a obra cinematográfica como uma exemplificação ilustrativa do conteúdo? Aspectos estes que serão importantes para um diagnóstico de como poderá ser aplicado o que o trabalho propõe. Ademais, se faz necessário refletir a respeito de como as crianças aprendem. Como recebem e processam as informações contidas nas obras cinematográficas? O que torna a prática do uso de filmes em sala de aula, uma estratégia especial e merecedora de empenho e envolvimento dos professores? E finalmente, investigar a questão central do trabalho: filmes que apresentam personagens infantis como protagonistas de seus enredos produzem um efeito diferenciado em seus expectadores no contexto escolar? Pensando em tudo isto, este trabalho deverá desenvolver não somente investigações de uso, estudo de práticas ou proposta de metodologias, mas também uma perspectiva diferente na abordagem dos filmes históricos.

Busca-se aqui, respondendo estas questões, contribuir para o aperfeiçoamento das práticas de ensino, buscando novas estratégias para a atividade docente, que contemplem a nova realidade na qual o aluno está inserido e que lhe confira maior protagonismo na construção de seu conhecimento. De maneira mais profunda, pretende-se, especialmente, abordar de maneira reflexiva o uso de filmes nas aulas de história, seus objetivos e resultados, e por que meios estes últimos acontecem. Enfatizando a abordagem de filmes históricos com protagonistas infantis, se fará um cotejo entre obras que não possuem esta característica para

investigar até que ponto esta especificidade contribui positivamente para o sucesso das atividades com os filmes.

2. O CINEMA, A HISTÓRIA E A APRENDIZAGEM

Ao tratar-se da temática de cinema e história, dificilmente alguém irá se deparar com algo essencialmente novo, pois apesar de seu relativo curto tempo de existência dentro das academias de história, o cinema sempre foi objeto de estudo desde seu princípio, nos anos finais do século XIX. Porém, ainda o é, e por sua natureza subjetiva e inovadora, sempre será um campo inesgotável de conhecimento a ser explorado. Muitos pesquisadores se debruçaram sobre esta relação entre os filmes e a história, que rende novas possibilidades de estudo a toda nova produção, e alguns deles tornaram-se “obrigatórios” para a área, desenvolvendo as bases teóricas para esse campo de estudo.

Ao relacionarmos cinema e história, é necessário pensarmos sua natureza em dois sentidos, o que nos demanda a análise de uma obra cinematográfica de cunho histórico: *primeiro como testemunho da época na qual foram produzidos e segundo, como representações do passado.* (NOVA, 1996) Em ambos os casos, a obra cinematográfica proporciona um instrumento riquíssimo para o uso em sala de aula, seja por meio da interpretação da produção e do seu tempo, ou seja, como estudo de uma representação histórica.

Então, como já questionou Ferro (1975, p.5), *de que realidade o cinema é verdadeiramente a imagem?* Para responder essa questão e outras tantas é que o historiador francês pesquisou este casamento entre a história e o cinema e acabou por tornar-se um dos ícones da referida área. Sua obra *Cinema e história* (FERRO, 1992) é o mais famoso trabalho onde se encontram examinados, cinema e história, como o conjunto harmônico que são, e no qual aborda as diversas perspectivas do cinema como agente da história.

Em seus escritos Ferro endossa uma nova concepção de história, fazendo parte da terceira geração da *Escola dos Annales*, movimento que propõe, dentre todas suas inovações na área da pesquisa histórica, a abertura do olhar do pesquisador para fontes antes não valorizadas, por seu caráter “não oficial”, como fotografias, música, objetos pessoais, imagens em geral, enfim, tudo aquilo que pudesse narrar a história à sua maneira, e claro, dentre estas estava o cinema. Sobre esta transição das fontes em História, escreveu Ferro que

a idéia de que um gesto poderia ser uma frase, esse olhar, um longo discurso, é totalmente insuportável: significaria que a imagem, as imagens, esses passantes, essa rua, esse soluço, esse juiz distraído, esse pardieiro em ruína, essa jovem assustada, constituem a matéria de uma outra história que não a História, uma contra-análise da sociedade.(1975. p.5.)

Ratifica-se que a *aceitação do filme como documento resulta do abandono da concepção de História da escola metódica, concepção esta que tem sua ruptura marcada, sobretudo a partir da obra de Marc Bloch e Lucien Febvre e da fundação da revista Annalles*, como referido pela Professora Katia Maria Abud (2003, p. 185).

Como parte das implicações desse movimento, ressignificou-se também o ensinar história, pois a inserção destas novas fontes abriu as possibilidades para novas metodologias em sala de aula. O cinema, como uma delas, possui um enorme potencial como recurso em sala de aula, em suas duas perspectivas, como já mencionado aqui. O cinema comove, questiona, impressiona, dentre outras reações. Mesmo quando assistimos a um filme sem a menor pretensão de aprendizagem, há sempre algum aspecto que se faz digno de uma reflexão mais atenciosa. Dentro da perspectiva do ensino, não é diferente. Professores estão a todo o momento buscando novos recursos e estratégias para atingir o aluno, conquista-lo, envolve-lo em um conteúdo que na maioria das vezes não tem ligação com a sua realidade, principalmente em História, quando tratam de temas invariavelmente abstratos e quase inatingíveis para a compreensão da influência efetiva na vida dos alunos. Nesse contexto, o filme age como uma ponte, entre o imaginário e o conteúdo teórico, servindo de caminho ou linguagem para chegar até o aluno, pois este já está habituado em receber informações sobre temáticas históricas usualmente por meio das imagens, graças ao cinema, à televisão e à internet. *Essa é uma verdade incontestável no mundo contemporâneo, no qual, de mais a mais, a imagem domina as esferas do cotidiano do indivíduo urbano. E, em grande medida, esse fato se deve à existência e à popularização dos filmes ditos históricos.* (NOVA, 1996)

Como saber se o uso de filmes tem este poder efetivamente na construção do conhecimento histórico? Ora, *o processo de aprender é múltiplo. Não há uma única forma de resolver um problema ou de estudar uma língua, ou formar um conceito de história ou ciências.* (LIMA, 2002, p. 26) Pois, a ideia de *aprender implica estar consciente do conteúdo, ou seja, ter a possibilidade de utilizá-lo em outros contextos, para a solução de problemas, através de analogias, aplicações diretas, etc.* (LIMA, 2002, p.15) Em História, isso significa ter propriedade sobre um assunto, uma causa, ou um processo que invariavelmente teve influência no mundo e na sociedade que vivemos hoje. Assim, o conhecimento em História caracteriza-se pelo desenvolvimento de capacidades, como a inteligibilidade acerca destes temas sobre nossa sociedade. O filme, como fonte histórica ou representação do passado, auxilia sendo um objeto de análise por meio do qual se estuda algo, um meio para que se trabalhem estas capacidades. Pois, como explica Abud (2003, p. 191), *a análise de um documento fílmico, qualquer que seja seu tema, produz efeitos na aprendizagem de História,*

sem contar que tais operações são também imprescindíveis para a inteligibilidade do próprio filme.

Porém, o trabalho com os filmes por si só não torna a aula um mecanismo mágico de construção do conhecimento. É preciso ressaltar que o papel do professor não se anula frente ao objeto de estudo, os filmes neste caso. Faz-se necessário, ainda mais, o processo de mediação entre o aluno e o objeto de estudo, para que se tenha um resultado significativo, ao que Katia Maria Abud dá o nome de “formação”, ou seja, o desenvolvimento da “informação”, o processo do conhecimento. A obra cinematográfica traz as informações por meio de representação sobre o fato histórico, o processo, o período ou até mesmo um personagem. Já a formação, o processo do conhecimento que se busca com a atividade, é o que será feito a partir desta informação, ou seja, o trabalho em cima destas para o desenvolvimento de inteligibilidades sobre o tema. Ainda segundo Abud,

o filme é pouco utilizado para a formação, que só pode ocorrer quando a informação recebida se relaciona com um conjunto individual de esquemas e de estruturas mentais, que transforma a informação em conhecimento, em novos esquemas e novas estruturas que irão enriquecer o repertório cognitivo ou simbólico daquele que aprende. (2003, p.189)

Neste mesmo sentido, a autora diz ainda que *a retenção, embora necessária, não se constitui numa suficiente operação mental para posterior análise e construção do conhecimento histórico pelo aluno* (ABUD, 2003, p.189), em outras palavras, não basta apenas a informação, a construção do conhecimento só será efetiva, quando as informações forem processadas a fim de gerar um conhecimento histórico, tornando assim a experiência do filme profícua.

Porém, sobre este mesmo processo, a autora acredita que na formação *se destacam dois aspectos: o primeiro é o das operações mediante as quais o conhecimento é gerado, e o segundo são os condicionantes que facilitam a geração deste conhecimento.* (ABUD, 2003, p.190) Dentre estes condicionantes, deve-se considerar a retenção de informações e a relação que o aluno irá desenvolver com a obra, suas impressões que poderão influenciar fortemente no trabalho de análise do filme. Aqui se insere este trabalho, que busca analisar este condicionante, em profundidade entre a avaliação da retenção sobre o filme e a análise completa e profunda da obra, ou seja, considerando não apenas aspectos de memória factual sobre o filme, mas também não se aprofundando para uma análise conceitual, histórica ou artística da obra. Pois, segundo Nova (1996) sabe-se que *toda tentativa de análise de um filme implica em uma redução do seu sentido em consequência da impossibilidade de uma análise*

total e acabada (só alcançável em hipótese), devido a isso, é preciso que o historiador, e no caso da sala de aula o professor, saiba fazer a seleção de elementos mais influentes, o que faz parte do processo de análise de uma obra cinematográfica. Tal seleção deve estar intimamente ligada aos objetivos do trabalho e a estratégia adotada, porém aqui está sob análise a seleção exercida pelos próprios alunos, a fim de construir novos caminhos para aperfeiçoar a abordagem dos filmes.

Com isso, buscou-se aqui elencar, dentre tais elementos mais influentes, aqueles que dizem respeito ao protagonista dos filmes e a empatia exercida sobre os alunos, investigando particularmente sua percepção emotiva e a compreensão com relação ao enredo, por meio dos protagonistas. Diz-se aqui “percepção emotiva”, o que em outras palavras quer significar o envolvimento emocional do aluno com o filme, que propicia que este preste mais atenção no desenvolvimento do enredo e demais componentes do filme, produzindo uma maior compreensão e um campo profícuo para o trabalho de análise orientado pelo professor. Como já mencionado, este trabalho de análise a ser desenvolvido após um filme, visa desenvolver a construção do conhecimento histórico, assim como competências para além do conteúdo teórico em si. Neste sentido, nas palavras da Prof.^a Elvira Souza Lima,

ao entender que a emoção é constituinte do desenvolvimento humano, a psicologia propõe um modelo de desenvolvimento que extrapola a noção difundida de que o indivíduo que aprende na escola é um sujeito ‘cognitivo’. Na verdade o indivíduo que aprende na escola está se desenvolvendo enquanto personalidade e enquanto membro cultural a que pertence. (2002, p.25)

Trata-se aqui do papel do aspecto emocional do ser humano na formação cognitiva e na formação pessoal e social do aluno dentro da escola, especificamente na disciplina de História. Sabemos que a disciplina hoje não mais é apenas o objetivo do conhecimento, mas um meio pelo qual se desenvolve uma habilidade de leitura de mundo. A emoção faz parte desta equação, pois *da área da psicologia temos, ao menos duas contribuições fundamentais que não virão de outras áreas: a compreensão do papel da emoção no desenvolvimento humano e a formação da consciência.* (LIMA, 2002, p.25) Consciência essa que também faz parte da conjuntura geral da formação histórica.

Esta particularidade da aprendizagem se insere nesta pesquisa no momento que os alunos desenvolvem um envolvimento emocional com alguns dos personagens dos filmes e, em alguns casos, uma ponta de apatia para com outros. Busca-se descobrir aqui se esta reação nos filmes ditos históricos é influenciada pelo fato do personagem protagonista ser criança\adolescente. Em questões de memória, sabe-se que *se o conteúdo estiver*

consistentemente ligado a algum evento da biografia do indivíduo, este terá mais probabilidade de recordá-lo. (LIMA, 2002, p.16). Isto pode ocorrer por empatia, surgimento de algum significado especial ou emoção, porém, aqui se busca algo que vá além da memória, como uma identificação ou algum fator que vá trazer significado àquilo que o aluno está assistindo.

Para fazer referência a um grande pensador das teorias de aprendizagem, Gratiot-Alfandéry (2010) destaca que Henri Wallon considera a emotividade como parte central do desenvolvimento social e cognitivo do ser humano, desde os primeiros momentos de vida, quando constrói uma condição afetiva com os outros seres. Condição esta que vai estar presente em todos seus estágios de desenvolvimento, mediando sua interação.

Para ele, o ser humano é organicamente social. Isso porque está nessa força da emotividade humana e em seu caráter contagioso e epidêmico as condições para que seja mediada pela cultura, interpretada pelo adulto e promotora, a partir de então, do desenvolvimento cognitivo da criança. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.37)

Quanto a essa relação cinema, história e criança, é possível encontrar alguns trabalhos dedicados ao tema, com destaque para a tese de Fabiana de Amorim Marcello (2008), com orientação da Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Bueno Fischer, intitulada *Criança e imagem no olhar sem corpo do cinema*, que de maneira aliada à Filosofia, produz uma análise da presença da criança no cinema, não só como personagem, mas de uma maneira geral, também como público-alvo e receptor. Pode-se citar ainda a obra *A infância vai ao cinema* (TEIXEIRA, 2006), coletânea que reúne colaboradores do Brasil e do exterior em artigos de análise fílmica.

Neste mesmo segmento, este trabalho insere-se na análise de um mote temático significativo, mas busca a análise da recepção de um público infantil, de obras com protagonistas infantis. De uma maneira geral, o estudo se desenvolveu no cotejo da recepção entre obras cinematográficas de cunho histórico que continham em seu enredo protagonistas infantis e obras sem a presença destes. Mais especificamente obras ambientadas nos regimes ditatoriais da América do Sul. Esta temática surge em um contexto de grande reflexão no ambiente acadêmico em torno dos acontecimentos ocorridos no Brasil durante os anos de ditadura civil-militar, devido ao momento histórico que vivemos, com o surgimento de muitas novas versões, novas fontes e testemunhos dispostos a esclarecer o período. Isso está em consonância com o desejo de refletir estes temas em sala de aula de maneira profícua e problematizada, para que os jovens tenham a consciência da sua responsabilidade cidadã para

com o país e para com aqueles que lutaram pelo restabelecimento de suas liberdades. Favorece também o fato desta temática ser intensamente explorada pelas produções do cinema histórico, pois, como algumas outras, oferece inúmeros títulos com potencialidade para o uso em sala de aula.

Para este estudo foram selecionados três filmes com protagonistas infantis ambientados nas ditaduras de Brasil, Argentina e Chile. Em contrapartida destes, foram escolhidas três outras obras cinematográficas, com ambientação nestes mesmos países, também nos períodos ditatoriais, porém, sem a presença de protagonistas infantis. Os critérios usados para a escolha dos filmes que fariam o contraponto do trabalho estão focados nos enredos semelhantes aos primeiros filmes, ou seja, todos apresentam uma história análoga em que a vida de seus personagens sofre influências indiretas das ditaduras daqueles países, resquícios da opressão e violência exercidas contra os movimentos de resistência.

As obras foram apresentadas para um grupo de doze estudantes, alunos entre o 8º e o 9º ano do ensino fundamental, em sessões únicas, após uma pequena introdução oral do conteúdo histórico nos quais se ambientam os enredos. A escolha por esta faixa etária justifica-se primeiro pela consonância do conteúdo em questão com os currículos clássicos de conteúdos de História, em que os temas de ditaduras da América Latina são abordados nos últimos anos do Ensino Fundamental; e segundo pela idade dos alunos, que nessa altura da formação escolar encontram-se na fase da adolescência, quando a experiência de identificação com os conteúdos tem a possibilidade de ser mais profícua. Como enfatiza Elvira Souza Lima, [...] *a atividade de estabelecer relações entre áreas do conhecimento e em relacionar experiências e informações, tanto linguísticas quanto imagéticas, vai ocorrer mais “fluentemente” na criança mais velha.* (2002, p.7).

A partir daqui, faz-se importante ressaltar o teor deste trabalho a respeito da prática de uso do filme nas sequências de atividades das aulas de história e como este é abordado para uma satisfatória atividade. É pressuposto para o uso dos filmes que se faça uma contextualização de sua exibição com atividades que sistematizem informações e promovam a reflexão sobre este como uma fonte histórica passível de influência de seus autores e do seu tempo. A bibliografia de “manuais” de como se usar os filmes em sala de aula é extensa e de fácil alcance dos professores², porém neste trabalho, o objeto de investigação concentra-se na

² A autora Circe Bitencourt traz orientações breves em sua obra *Ensino de História fundamentos e métodos*, em que diz não haver uma fórmula certa para a abordagem dos filmes, mas ressalta pontos importantes e dá algumas orientações cruciais. (BITTENCOURT, 2009) Pode-se citar também dois trabalhos pontuais sobre cinema e ensino de História, que oferecem um planejamento na forma de roteiro. O primeiro *Cinema e Ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula*, de Jairo Carvalho Nascimento, artigo publicado

apreensão do aluno das informações do filme e na sua interação com os elementos de cada obra cinematográfica, balizando essas constatações com a presença de protagonistas infantis nestas películas. Sendo assim, muito aquém do trabalho que poderá ser desenvolvido pela mediação do professor em cima destas apreensões, mas para a precisão dos resultados buscados aqui, a pesquisa foi concentrada apenas nos critérios referidos, pois como orientam as autoras Marcello e Fischer em artigo de caráter orientador para a pesquisa em cinema e educação, deve-se destacar *a relevância de pesquisar os modos pelos quais determinados públicos experimentam o cinema, fazem suas escolhas, deixam-se impregnar por certas imagens, guardam, em sua memória, alguns filmes mais do que outros, aprendem, enfim, [...].*(2011, p.512)

Com estes pressupostos norteando a pesquisa, os filmes foram apresentados aos alunos após uma contextualização histórica oral, em sessões coletivas no próprio ambiente escolar, de maneira muito semelhante ao que ocorre no recorrente uso de filmes em atividades de sala de aula. Como já mencionado, os filmes selecionados para este trabalho são obras ambientadas nas ditaduras que afligiram países da América Latina no último século e se assemelham muito em seu enredo, na perspectiva com que tratam estes regimes, focando em como algumas vidas de pessoas comuns foram afetadas, direta e indiretamente, pelas ações de repressão aos opositores dos ditadores. Três destes filmes apresentam em seus enredos protagonistas infantis, que veem suas vidas envolvidas no contexto histórico em que seu país se encontra. Como contraponto destes, três filmes com protagonistas adultos envolvidos em situações semelhantes, em que os regimes impostos naqueles países, transformam de maneira trágica sua vida. Para isso, os instrumentos de pesquisa foram aplicados com os filmes, conforme ilustra a tabela 1, na qual estão dispostos a identificação dos alunos por meio de suas iniciais e sua frequência nos já referidos filmes. Sua ordem de exibição foi: Filme 1 – *O ano em que meus pais saíram de férias*, Filme 2 – *Hoje*, Filme 3 – *Infância Clandestina*, Filme 4 – *A história oficial*, Filme 5 – *Machuca* e Filme 6 – *No*.³

na revista *Fênix*. (NASCIMENTO, 2008) E o segundo é Trabalho de Conclusão de Curso de Eduardo Grahl Muller, apresentado no Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulado *O uso de filmes nas aulas de História* e que elenca essencialmente aspectos técnicos e históricos que podem ser explorados dentro dos filmes. (MULLER, 2012)

³ Para mais informações sobre os filmes utilizados neste trabalho, consultar as fichas técnicas dos filmes no Anexo I.

Tabela 1 - Instrumentos recebidos após as exibições dos filmes, indicando a frequência dos alunos envolvidos na pesquisa. Os campos sombreados indicam os instrumentos comparativos

ALUNOS	FILME 1	FILME 2	FILME 3	FILME 4	FILME 5	FILME 6
A.V.	x	x	x	x	x	x
R. N.	x	x	x	x		
P. C.	x	x	x	x	x	x
K. V.	x	x				
R. M	x	x	x	x	x	x
G. N. R.	x	x			x	x
A. G.	x	x	x	x	x	x
J. V.	x		x	x	x	x
K. M.	x		x	x		
S. V.	x	x	x	x	x	x
A. P. P.		x			x	x
G. G.	x	x	x	x	x	x
TOTAL	11	10	9	9	9	9

Como pode ser observado, os alunos não tiveram uma assiduidade regular na exibição dos filmes, por tratar-se de uma atividade voluntária. Mesmo assim, o número de instrumentos preenchidos e entregues é satisfatório e proporcionou dados valiosos para a análise da recepção das obras.

Para sistematizar as questões que se busca pesquisar com esse trabalho, foram elaborados dois breves questionários padrão, nos quais os alunos que assistiram aos filmes puderam expor suas preferências e suas percepções mais imediatas com os filmes. Ambos os questionários continham questões objetivas e subjetivas, porém de respostas breves (os modelos dos questionários estão no Anexo II do trabalho). O primeiro tratava exclusivamente de cada filme e foi respondido depois de cada exibição, e questionava os alunos a propósito das suas preferências sobre os personagens daquele filme, ordenando suas razões de preferência, em seguida a mesma questão é reformulada para que o aluno diga se em algum momento se identificou com o protagonista do enredo, a fim de ratificar nosso problema central, se há uma assimilação maior do enredo com a presença dos personagens infantis; depois, de uma maneira geral, perguntava sobre o aprendizado com aquele filme e as suas dificuldades de compreensão com relação a algum aspecto da obra, com o intuito de pesquisa a recepção geral do grupo com aquele filme; na questão final, pergunta-se sobre uma cena que tenha marcado o aluno durante a exibição, com o objetivo de extrair alguma informação com sentido emocional sobre esta cena, que tenha relação com a presença de seus protagonistas. Já o segundo questionário era apresentado após a exibição de cada dois filmes sobre o mesmo

país, e sistematizava as questões sobre os mesmos aspectos do primeiro, porém de uma maneira comparativa, de modo a buscar mais diretamente informações das preferências dos alunos sobre aqueles filmes apresentados, questionando qual filme este gostou mais, enumerando as razões de sua preferência, com qual dos filmes aprendeu mais sobre história, em qual dos filmes gostou mais dos personagens e, em uma hipotética oportunidade, qual deles gostaria de mostrar a um amigo. Durante a análise dos resultados, abordaremos de maneira mais aprofundada estes instrumentos. De maneira geral, foram elaborados para prover informações sobre a recepção aos filmes por esses alunos, de forma a propiciar uma investigação condizente ao propósito deste trabalho. A análise destes está desenvolvida nos próximos capítulos.

3. PROTAGONISTAS INFANTIS X DEMAIS PROTAGONISTAS

Já é sabido por aqueles que se dedicam à área que trata da relação entre História e Cinema que *a escolha de um tema histórico e a forma como ele é representado em uma película são sempre ditadas por influências do presente* (NOVA, 1996). Nada mais natural, visto que a essência da história está em revisitar o passado sempre que for necessário responder questões impostas pelo presente. Já o cinema por sua natureza, dá vida a discursos muitas vezes calados pela incapacidade de concretizar-se, diante de seu caráter teórico. Encontra-se aqui um dos mais interessantes pontos de interseção entre as duas áreas, a capacidade de construir respostas para questões sociais, históricas, políticas, etc., de interesse geral. Dada a essa particularidade, os dados desta pesquisa serão analisados balizando resultados e embasamento teórico, a fim de produzir um conhecimento que contribua para a leitura do cinema em sala de aula e, conseqüentemente, para a construção de respostas para as referidas questões.

Lembrando que, em nenhum momento das atividades de coleta de dados com os filmes, os alunos tiveram conhecimento que o foco do estudo visava o cotejo entre os protagonistas em cada um dos longas-metragens e mesmo depois de terminada as atividades, nenhum dos participantes havia tomado conhecimento do que se tratava a questão central do estudo. Só depois do fim das atividades é que os alunos foram informados sobre o que se tratava a investigação.

Para darmos início à análise dos resultados, é preciso explicar a maneira em que a mesma será desenvolvida. Assim, os seis filmes foram dispostos em três duplas, conforme sua nacionalidade, o que proporcionou um paralelo de dados entre estes, e logo depois, foram analisados também em sua totalidade, classificados em dois grupos: aqueles que possuem protagonistas infantis e aqueles que não os possuem. Neste capítulo trataremos primeiro dos resultados obtidos por meio dos instrumentos comparativos, analisando separadamente as questões propostas para os alunos, com as quais encontramos a seguinte disposição de resultados gerais, orientados por ordem de exibição já mencionada no capítulo I:

Tabela 2 - Números gerais dos resultados com instrumentos comparativos aplicados após as exibições de cada par de filmes sobre o mesmo país.

Questões	<i>Filme 1</i>	<i>Filme 2</i>	<i>Filme 3</i>	<i>Filme 4</i>	<i>Filme 5</i>	<i>Filme 6⁴</i>
Qual dos filmes você gostou mais?	10	0	9	0	8	0
Com qual destes filmes você acredita que aprendeu mais sobre História?	9	1	9	0	7	1
Em qual dos filmes você gostou mais dos personagens?	10	0	9	0	8	0
Qual destes filmes você gostaria de mostrar a um amigo, caso tivesse a oportunidade?	9	1	9	0	8	0
TOTAL DE INSTRUMENTOS RECEBIDOS	10		9		8	

3.1 A preferência entre os filmes

A primeira das questões comparativas questionava aos alunos qual dentre os dois filmes de mesma nacionalidade ele havia gostado mais. Um deles com protagonistas infantis e o outro sem protagonistas infantis. Como é possível observar na tabela imediatamente acima, 100% dos alunos que assistiram às exibições, preferiram aqueles filmes que apresentavam protagonistas infantis em seu enredo. Como já mencionado, os alunos não tinham conhecimento do objetivo do estudo e durante algumas das exibições, tiveram reações espontâneas de comoção durante os filmes com protagonistas infantis, reações essas que infelizmente não ficam registradas nos instrumentos de pesquisa, mas podem ser traduzidas por meio de suas escolhas aqui, pois sua sensibilidade dificilmente será suprimida pela racionalidade de forma espontânea. *É o efeito observado habitualmente no adulto: redução da emoção pelo controle ou pela simples tradução intelectual de seus motivos ou circunstâncias.* (WALLON, 2007, apud GRATIOT-ALFANDÉRY, p.74). A criança e/ou adolescente, ou por inabilidade ou por motivos intrínsecos ao seu estágio emotivo, não irá traduzir de forma inteligível, a sensibilidade frente a algumas obras cinematográficas ou outros objetos. Obviamente, questões complexas e que competem à sensibilidade, como a emoção e a empatia não serão explicadas aqui em si. Frente a essa unânime preferência pelas obras com protagonistas infantis, passamos a elencar as razões pelas quais os alunos realizaram sua escolha de preferência dentre os dois filmes de igual nacionalidade.

3.2 As razões de preferência

⁴ Os filmes grifados em itálico (1, 2 e 3) são aqueles que apresentam em sua história protagonistas infantis e estão em comparação com seus pares de mesma nacionalidade.

É importante ressaltar que, indiferentemente dos resultados, não se pode desqualificar a utilização dos demais filmes como recurso para o ensino de História, pelo contrário, foram selecionados para ser a referência de comparação com os filmes em estudo justamente por serem obras consagradas na temática que abordam e são, indubitavelmente, longas-metragens de grande potencial para o uso em sala de aula. O que está em evidência aqui é a preferência dos alunos por uma específica natureza de filmes, por sua possível adequação a requisitos intrínsecos ao seu olhar e sua recepção.

Para justificar essa preferência entre um ou outro filme, foi solicitado aos alunos que classificassem, por ordem de prioridade de 1 a 5, as razões que nortearam sua escolha, sendo 1 a que mais pesou em sua escolha e 5 a menos importante. Dadas cinco opções que contemplam aspectos que se julgam importantes para examinar a recepção das obras, os resultados apontam que os quesitos que envolvem o enredo e o desenvolvimento da história dos personagens, são o que os alunos julgam mais importante na escolha de um filme, em detrimento de aspectos técnicos. Para fim de uma melhor visualização destes quesitos eleitos pelos alunos, os dados recolhidos estão expostos na figura 1 e depois dispostos em números gerais na tabela 3.

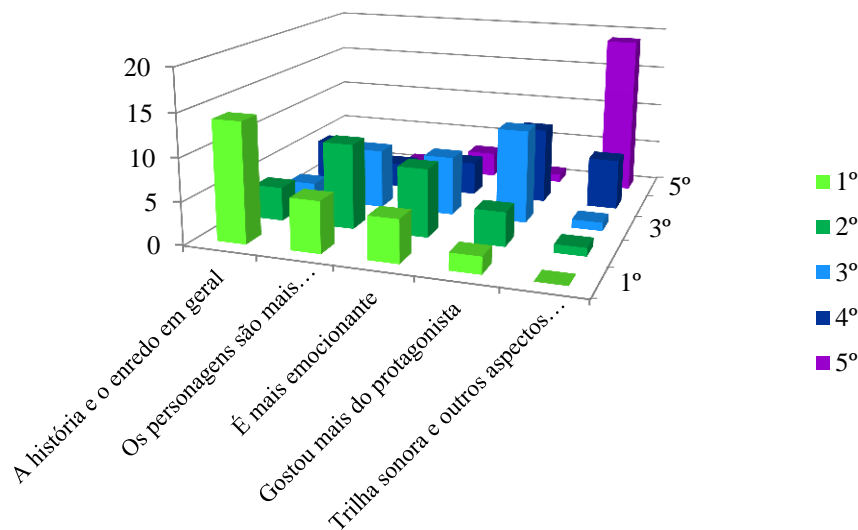


Figura 1 - Ordem de importância dos quesitos na preferência dos filmes

Tabela 3 - Ordem de importância dos quesitos na preferência dos filmes

QUESITOS	1º	2º	3º	4º	5º
A história e o enredo em geral	14	4	2	5	2
Os personagens são mais interessantes	6	10	7	3	1
É mais emocionante	5	8	7	4	3
Gostou mais do protagonista	2	4	11	9	1
Trilha sonora e outros aspectos técnicos	0	1	1	6	19

As preferências dos alunos se evidenciam facilmente e é possível perceber uma regularidade quanto às escolhas entre eles. Em primeiro plano, figura como escolhido pela grande parte dos alunos como a principal razão para a escolha de um dos filmes, “a história e o enredo em geral”. No estudo do tema dos filmes utilizados aqui, as ditaduras na América Latina, é recorrente o surgimento de questões como “Por que estou aprendendo isso? Por que meus pais/avôs não falam sobre isso? Por que aquelas pessoas sofreram violência? Por que estas exerceram a violência? O que isto influencia no meu presente?” dentre tantas outras, por parte dos alunos. A curiosidade que é inerente à criança e ao adolescente, só aumenta quando se tratam de temas polêmicos e que promovem alguma discussão ideológica. É certo, que estas questões só irão surgir após algum contato com o assunto, que quando problematizado, suscita o interesse para o aprofundamento das informações, antes disso dificilmente o aluno terá informações suficientes para provocar estas lacunas, pois só se tem dúvidas sobre o que se conhece, mesmo que seja minimamente. O filme pode fazer este papel no processo de construção do conhecimento. A história e o enredo, escolhido pelos alunos como o fator mais importante na hora da escolha entre os filmes, atuam como estas informações que fornecem o embasamento para formular suas futuras questões. Pensando assim, um longa-metragem pode servir como mote na problematização do conteúdo, estratégia utilizada por muitos professores em sala de aula, com o objetivo de introduzir o conteúdo, mas que nem sempre o insere em uma sequência que contemple o seguimento desta abordagem, como princípio problematizador. Segundo Wallon (2007 apud GRATIOT-ALFANDÉRY, p.74), *na criança, é lento o progresso de suas reações puramente ocasionais, pessoais, e emocionais para uma representação mais estável das coisas; [...]. Ou seja, a primeira reação, nunca será definitiva ou pensada, é necessário o trabalho das informações, para que haja o que o autor nomeia aqui como “progresso para uma representação mais estável”. O que não desvaloriza esse caráter espontâneo instintivo da recepção. Pelo contrário, indica uma possibilidade para a abordagem*

dos filmes: a transformação das impressões iniciais sobre o enredo, por meio de atividades que trabalhem a análise destas informações iniciais, cruzadas com o conteúdo formal, pois a inteligibilidade do filme se encontra principalmente em sua história e enredo e é imprescindível para o desenvolvimento da compreensão de qualquer outro aspecto.

Após a história e o enredo, temos como seu coadjuvante a escolha de que “os personagens são mais interessantes”, como segunda justificativa para a preferência do filme escolhido. Este também é um aspecto que compõem a compreensão do filme como um todo e tem relação com a empatia que se desenvolve com alguns dos personagens que aparecem nos filmes. Porém este quesito está intimamente ligado à escolha dos alunos pelos filmes com protagonistas infantis, pois nos três longas-metragens exibidos que apresentavam crianças no papel principal, havia outras crianças que as rodeavam e interagiam diretamente com o protagonista. E também, nos instrumentos individuais sobre um dos filmes sem protagonistas infantis, a personagem tida como a preferida entre a maioria dos alunos foi uma menina, coadjuvante na história.

É evidente a predileção dos alunos pelos personagens infantis que aparecem na narrativa, pois em seguida, no terceiro argumento na ordem de escolha dos alunos, estão aqueles que inspiram este trabalho: “os protagonistas”. Apesar de não aparecerem como um dos dois primeiros fatores a motivar a escolha dos espectadores, é interessante observar que é o único aspecto dentre os quesitos oferecidos na pesquisa, que não foi classificado como último na ordem de relevância por nenhum dos alunos. De fato, os protagonistas infantis presentes nos filmes utilizados para este estudo conquistaram a preferência de seus espectadores, as razões desta predileção serão exploradas mais profundamente no capítulo seguinte, com a ordenação das razões pela preferência de personagens infantis.

O quarto quesito na concepção dos alunos para a escolha entre os filmes foi sua capacidade destes serem “mais emocionantes”. Apesar desta terminologia bastante genérica proposta no instrumento de pesquisa, compreende-se que este quesito abrange de uma maneira simplificada, os efeitos gerados no aluno em todas as suas experiências de comoção com o filme e sua dramaticidade, seja com contribuição de aspectos técnicos, cenas polêmicas, atuações convincentes, até seu próprio enredo. O fato desta característica dos filmes ter seus números na ordem de preferência bem equacionados, ou seja, não há uma importância muito grande conferida a isso, mas não se trata também de uma particularidade negligenciada pelos adolescentes, condiz com aquilo que é encontrado nos relatos das cenas mais marcantes para eles durante as exposições. Em sua grande maioria, as cenas reportadas pelos alunos nos instrumentos dizem respeito a sequências que conferem grande comoção

dentro do contexto geral da obra e que envolvem seus protagonistas infantis. Passagens que oscilam da alegria extrema do passeio com o cachorro de estimação (metaforicamente representando o momento de libertação de perturbações cruéis do passado), até o terror absoluto de um interrogatório de um menino, por parte de agentes repressores partes da ditadura.⁵ Segundo Nova (1996),

[...] uma das características fundamentais do ‘filme histórico’ tradicional, principalmente o hollywoodiano – que é o mais difundido e popular e cujo modelo se estende, em maior ou menor grau, a outros centros de produção que por ele são direta ou indiretamente influenciados -, é a primazia dada à emoção em detrimento do aspecto racional.

Isto não significa que estes filmes percam em alguma profundidade sua potencialidade como fonte histórica. Pelo contrário, a presença destes aspectos emocionais em um filme, juntamente com a empatia, *permite a fruição de sentimentos, alertando os alunos para a dimensão sensorial e emocional da história. E ainda possibilita refletir sobre aspectos técnicos da linguagem audiovisual.* (PINTO, 2014, p.69). Ou seja, é mais uma perspectiva que o cinema oferece como meio para chegar ao trabalho de construção do conhecimento histórico na atividade com os filmes.

E em quinto, apesar de ser um dos aspectos mais indicados nas obras de orientação de análise no trabalho com obras cinematográficas na sala de aula, os aspectos técnicos, exemplificados na questão com a trilha sonora, foram preteridos pelos alunos, sendo classificados como último quesito pela grande maioria dos alunos. Certamente, aspectos técnicos que compõem o filme, como a trilha sonora, montagem, cor, enquadramentos, planos, etc., influenciam na compreensão total do filme, inclusive sobre outros aspectos avaliados nesta questão, como o caráter emotivo da obra ou a exaltação do protagonista. *Os filmes, na verdade, como todo produto humano e, portanto, histórico, contêm elementos que lhes foram inseridos de forma consciente e outros que não.* (NOVA, 1996). Porém, os alunos ainda não têm um olhar apurado para o reconhecimento destes elementos e de como estes fazem a diferença no resultado final do filme. Então, não causam, pelo menos conscientemente, a mesma impressão que um personagem protagonista bem elaborado. Mesmo que, no filme 3, *Infância Clandestina*, alguns recursos técnicos sejam explorados de maneira explícita, ao transformar as cenas traumáticas e de violência, em uma espécie de história em quadrinhos, desenhos que dão forma e expressividade à dor e tristeza que o

⁵ As cenas mais citadas pelos alunos fazem referência a momentos de violência dos agentes opressores, mortes e reencontros. Elas estão analisadas no terceiro capítulo.

menino vive em passagens de sua vida. Apenas um aluno registrou esse aspecto em um dos instrumentos individuais sobre o referido filme. Talvez esteja aqui também uma valiosa oportunidade para a abordagem dos filmes: tornar visível aquilo que influencia a emotividade dentro de uma obra e que, por alguma razão, passa imperceptível aos olhos do aluno. A transformação destas informações em algo consciente, que está presente ali por alguma razão, irá proporcionar a reflexão de “por que aquilo está ali?”, assim, suscitando a busca pelo conhecimento necessário para saciar essa lacuna.

A ordem destes resultados ratifica a ideia da superioridade da empatia sobre quaisquer outros aspectos de preferência que sejam elaborados conscientemente. Enredo, personagens e protagonistas, são quesitos influenciados por uma escolha inconsciente e emotiva, da compreensão e da identificação, em detrimento da escolha consciente de reconhecer aspectos que afetam a predileção por essa ou aquela opção, como a emotividade e aspectos técnicos. Esta preferência segue sendo objeto das próximas questões em análise.

3.3 Com qual filme se aprendeu mais sobre história

É evidente que este questionamento não pretende encerrar uma avaliação ou mensurar a aprendizagem. Este não é objetivo desta pesquisa, pois, como já discutido, a aprendizagem não é possível sem a sistematização da obra em uma sequência trabalhada de atividades e análise. E mesmo que este fosse o caso, muito dificilmente se conseguiria avaliar a aprendizagem acerca de uma obra cinematográfica por meio de questionário objetivo. A riqueza de significados do recurso requer uma possibilidade maior de representações do conhecimento construído após a atividade, do contrário, o efeito seria limitar a capacidade de expressão daquele que está aprendendo. Porém, neste caso, a questão apenas usa de uma terminologia simplificada, a fim de extrair do espectador dados a respeito daquilo que ficou registrado no que concerne a conteúdos históricos. Ou seja, o verbo correto em questão é “aprender”, mas não funcionaria em termos práticos para a compreensão dos alunos, por isso a escolha do seu homônimo. Essa questão será mais explorada nos questionários individuais, onde eles tiveram a oportunidade de dissertar sobre o que julgaram ter “aprendido” sobre História com os filmes. O ponto que se trata aqui é que, dentre os 27 questionários contabilizados sobre os filmes, em 25 os alunos apontam ter aprendido mais com os filmes que possuem protagonistas infantis. Como já dito, não significa que aprendizagem tenha acontecido por mérito da presença dos mesmos, mas é evidente que por alguma razão os alunos julgam uma preferência neste quesito para estes filmes, o que pode ser traduzido como

uma sensibilidade maior aos acontecimentos históricos representados, ou o fato de que devido sua preferência pela narrativa, a atenção dos alunos estivesse mais focada nestes e não nos outros filmes, pelos quais não desenvolveram uma identificação. Seja qual for a razão, algum tipo de interação construtiva foi estabelecida, pois:

o filme promove o uso da percepção, uma atividade cognitiva que desenvolve estratégias de exploração, busca de informações e estabelece relações. Ela é orientada por operações intelectuais, como observar, identificar, extrair, comparar, articular, estabelecer relações, sucessões e causalidade, entre outras. (ABUD, 2003, p.191)

Assim, os alunos julgaram ter desenvolvido esta interação nos filmes com protagonistas infantis, apesar de, nos instrumentos individuais, uma parte expressiva deles indicar que “não aprendeu algo com o filme”, como será visto no terceiro capítulo.

3.4 Em qual gostou mais dos personagens

Mais uma das questões em que os dados apresentam uma unanimidade com a preferência para os filmes com protagonistas infantis. Isto se vale em grande parte também, ao fato de que nos três filmes com protagonistas infantis, estes interagiam diretamente com um grupo de personagens infantis. Ou seja, além do protagonista, havia também um grupo de crianças e/ou adolescentes presentes no elenco, o que aumentava a possibilidade dos alunos de construir uma empatia por algum daqueles personagens. Além disto, a presença destes personagens conferia uma dinamicidade à narrativa, um dos fatores que prende a atenção do aluno para uma obra cinematográfica.

Outro aspecto importante desta questão é a noção de representação e fantasia na compreensão de um filme, pois quando não se desenvolve uma identificação com os personagens, é muito mais difícil o aluno desenvolver a ideia de que aquilo é uma representação, com personagens inventados para vender cinema. Já com essa identificação, com os personagens infantis, as questões do tipo “Isso foi real?” ou “Isso aconteceu de verdade?” ocorreram muito mais durante as exibições dos filmes. O aluno compreende que aqueles são atores, personagens fictícios escritos por um autor, mas a sua preocupação se concentra na inspiração para aquele filme. É sabido que *nenhuma produção cinematográfica está livre dos condicionamentos sociais de sua época* (NOVA, 1996) e das influências ideológicas de seus criadores, mas os alunos só desenvolvem essa noção, no momento que há

um envolvimento emotivo com aquela história, o que está sendo corroborado aqui pelos dados desta pesquisa, ocorre mais facilmente com a presença dos protagonistas infantis.

3.5 Qual mostraria a um amigo

Assim como a questão sobre em qual filme o aluno teria aprendido mais, esta não tem seu objetivo no sentido literal da pergunta, mas sim em extrair mais algum sentido sobre a emotividade construída pelo aluno com o filme. Mais especificamente, o que ele passaria a diante daquele filme. Muito mais do que conteúdos de história, esperava-se encontrar nesta questão aspectos que denotam a identificação com aquela narrativa. O resultado foi quase unanime para a preferência pelos filmes com protagonistas infantis. Para a análise pretendida aqui, é importante que se cite algumas passagens das justificativas, dissertativas, registradas pelos alunos para a escolha de qual filme mostrariam para um amigo. A grande maioria menciona razões de lugar-comum como “porque era mais interessante” ou “é mais legal”. Porém, surgiram algumas colocações que merecem uma leitura especial, como a da única aluna que optaria por indicar o filme *Hoje*, um dos sem protagonistas infantis, a um amigo, em que ele registra “Para mostrar como filme brasileiro consegue superar as expectativas ruins que tu tem dele” (A.P.P., 1 x 2)⁶ A colocação da aluna pressupõe que a mesma tinha uma expectativa ruim sobre o filme, por este ser brasileiro. A mesma expectativa se recebeu dos demais alunos, no momento das exposições, em que, ao saber que os filmes eram brasileiros ou de origem na América Latina, demonstravam pouco interesse ou até decepção por aquilo que iriam assistir. Esta pré-disposição negativa para com a nacionalidade dos filmes, principalmente brasileiros, pode ser um empecilho no desenvolvimento de alguma atividade dentro de sala de aula. É preciso desconstruir o preconceito sobre filmes brasileiros, para que os próprios alunos possam enxergar e extrair o que de melhor essas obras oferecem.

Ademais, outras colocações interessantes surgiram na escolha dos filmes com protagonistas infantis, como “Por que eu me identifiquei com o personagem” (R.N., 3x4) e “Por que tem personagens jovens e é mais legal. O outro é legal, porém dá um pouco de tédio.” (A.P.P. 5X6) Motivações que se relacionam com a ideia de empatia com os personagens e também ressalta a falta de interesse no outro filme, que não despertou seu interesse, sendo considerado tedioso, reação indesejável a qualquer objeto de estudo. Também foram registradas as seguintes justificativas “Por que o filme não está só ‘virado’ para o

⁶ Aqui refere-se as iniciais da aluno e em qual dos seus instrumentos está registrada sua justificativa. Aqui neste caso, o instrumento é o que compara os filmes 1 e 2.

drama e os personagens interagem mais com o espaço.” (A.V. 3x4) e “Mostraria para um amigo para ele ver o que faziam com os comunistas” (J.V 3x4), que consideram aspectos mais teóricos da composição do filme e de alguma forma, mais refletidos sobre a obra como um todo. O que se pode inferir com as justificativas registradas pelos alunos é que, apesar de não apresentarem uma uniformidade sobre os aspectos do filme que norteiam sua escolha, todas as causas estão ligadas a aspectos atendidos pela adequação do filme a idade dos alunos, como a empatia, a curiosidade e a dinamicidade, todas já comentadas aqui por estarem ligadas a algum aspecto de preferência dos alunos. Todos estes pontos são facilmente alcançados na escolha adequada de um filme para o público que irá receber essa exibição e além, trabalhar com as informações deste. Considerando um ou outro ponto, sabe-se que *as imagens merecem estar em sala de aula porque sua leitura nunca é passiva.* (ABUD, 2003, p. 188) Porém cabe ao professor proporcionar que essa leitura produza resultados mais tarde, tornando essa leitura um momento profícuo para a preparação de um trabalho, escolhendo sua abordagem, traçando uma estratégia e, dentre os itens mais importantes, escolhendo adequadamente um filme condizente com as expectativas de seus alunos e com suas capacidades de trabalho. Mais algumas informações relevantes sobre esta escolha serão discutidas a seguir no terceiro capítulo que trata da recepção dos filmes de maneira individual.

4. OS PROTAGONISTAS INFANTIS NOS FILMES DE HISTÓRIA

Prats (2006, p. 202) ao elencar algumas das dificuldades em ensinar/aprender História, diz que uma destas está na *impossibilidade que apresenta [a disciplina] de poder reproduzir os fatos do passado, enquanto as chamadas ciências experimentais permitem repetir em laboratório a maior parte dos fenômenos que são tratados nos temas dos programas escolares*. De fato, não se pode recriar um acontecimento, pessoas, contextos, mas o cinema, em todo seu potencial de representação histórica, produz algo que mais se aproxima de algo “concreto” de estudo. Obviamente, é imprescindível considerar sua condição de representação, observando suas características de produção e autoria, como em qualquer outra semelhante. Porém, é inegável seu valor eminente como objeto de análise e estudo sobre o passado, principalmente para o olhar de quem muitas vezes não consegue conceber uma inteligibilidade sobre algo tão abstrato, como é o conteúdo histórico. Além do mais, *não é absurdo considerar que o cineasta, ao realizar um “filme histórico”, assume a posição de historiador, mesmo que não carregue consigo o rigor metodológico do trabalho historiográfico* (NOVA, 1996) Pensando nisto, os instrumentos individuais de análise dos filmes foram elaborados para investigar cada um separadamente, de forma a extrair dos alunos espectadores suas informações sobre esse papel de representação histórica dos filmes, especialmente no que diz respeito a suas escolhas quanto aos filmes com protagonistas infantis, dando sentido a todas as preferências constatadas no instrumento comparativo. Para isso, são analisadas aqui as questões contidas neste instrumento de pesquisa e seus resultados, expostos sumariamente na Tabela 4.

Tabela 4 – Números gerais dos questionários individuais sobre os filmes.

Questões	Filme 1		Filme 2		Filme 3	
Qual personagem gostou mais no filme?	Protagonista	9	Protagonista	4	Protagonista	7
	Outros	2	Outros	6	Outros	2
Teve dificuldade na compreensão de algum aspecto da história [...]?	Sim, muita	0	Sim, muita	4	Sim, muita	0
	Um pouco	4	Um pouco	4	Um pouco	3
	Entendi tudo	7	Entendi tudo	1	Entendi tudo	6
Você aprendeu alguma coisa com este filme?	Sim	7	Sim	4	Sim	4
	Não	4	Não	6	Não	5
Você se identificou com o protagonista?	Sim	2	Sim	1	Sim	0
	Não	9	Não	9	Não	9
TOTAL DE INSTRUMENTOS	11		10		9	

Questões	Filme 4		<i>Filme 5⁷</i>		Filme 6	
Qual personagem gostou mais no filme?	Protagonista	0	Protagonista	8	Protagonista	8
	Outros	6	Outros	0	Outros	1
Teve dificuldade na compreensão de algum aspecto da história [...]?	Sim, muita	0	Sim, muita	0	Sim, muita	0
	Um pouco	5	Um pouco	2	Um pouco	4
	Entendi tudo	4	Entendi tudo	7	Entendi tudo	5
Você aprendeu alguma coisa com este filme?	Sim	5	Sim	5	Sim	2
	Não	4	Não	4	Não	7
Você se identificou com o protagonista?	Sim	0	Sim	1	Sim	0
	Não	9	Não	8	Não	9
TOTAL DE INSTRUMENTOS	9		9		9	

4.1 A escolha do protagonista

Os resultados dos instrumentos individuais não fugiram muito daquilo que se encontrou nos instrumentos comparativos, sendo constatada uma diferença nítida entre os dados dos filmes com protagonistas infantis e aqueles sem protagonistas infantis. A primeira questão na análise dos instrumentos refere-se à preferência de um personagem no filme, sendo a questão dissertativa, para conferir a liberdade de o aluno indicar qualquer personagem do enredo do filme. Para o estudo, essas indicações foram divididas entre os protagonistas e os demais personagens da narrativa e analisados em entre os dois grupos de filmes. As preferências estão expostas no gráfico da Figura 2.

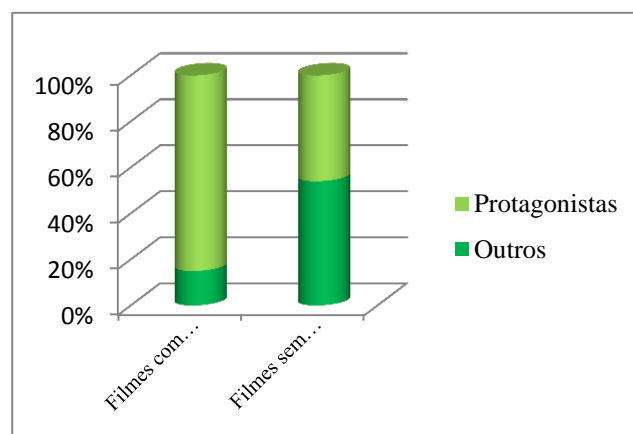


Figura 2 - Dados da escolha do personagem preferido entre filmes "Com protagonistas infantis" e "Sem protagonistas infantis".

Dentre os filmes do primeiro grupo, aqueles com protagonistas infantis, há uma massiva preferência pelos protagonistas da história, enquanto que, nos filmes que não possuam protagonistas infantis, o número se inverte, sendo a maioria da preferência para

⁷ Assim como na tabela anterior, os filmes grifados em itálico (1, 2 e 3) são aqueles que apresentam em sua história protagonistas infantis.

demais personagens. Apenas uma das obras deste último grupo, o filme 6, *No*, destoa dos demais, no qual o protagonista teve ampla preferência. Isto se deve muito provavelmente ao grande enfoque dedicado ao protagonista durante toda a narrativa, devido a isso, muito pouco se destaca algum outro personagem. É importante ressaltar também que, nos instrumentos acerca do filme 4, *A história oficial*, cinco dos alunos que responderam, indicaram como sua predileta a personagem da filha da protagonista, uma menina, que apesar das poucas cenas, acabou sendo a preferência dos alunos. Este fato endossa mais ainda os resultados que já vem sendo apresentados.

Para explorar as razões destas preferências, foi solicitado aos alunos que, assim como no instrumento comparativo, elencassem de 1 a 5, as razões pela sua escolha de determinado personagem. Aqui estão contabilizados apenas as informações dos alunos que escolheram os protagonistas infantis, como seus personagens escolhidos. Estas razões estão exibidas na Figura 3 conforme os resultados, assim como os números gerais na Tabela 5.

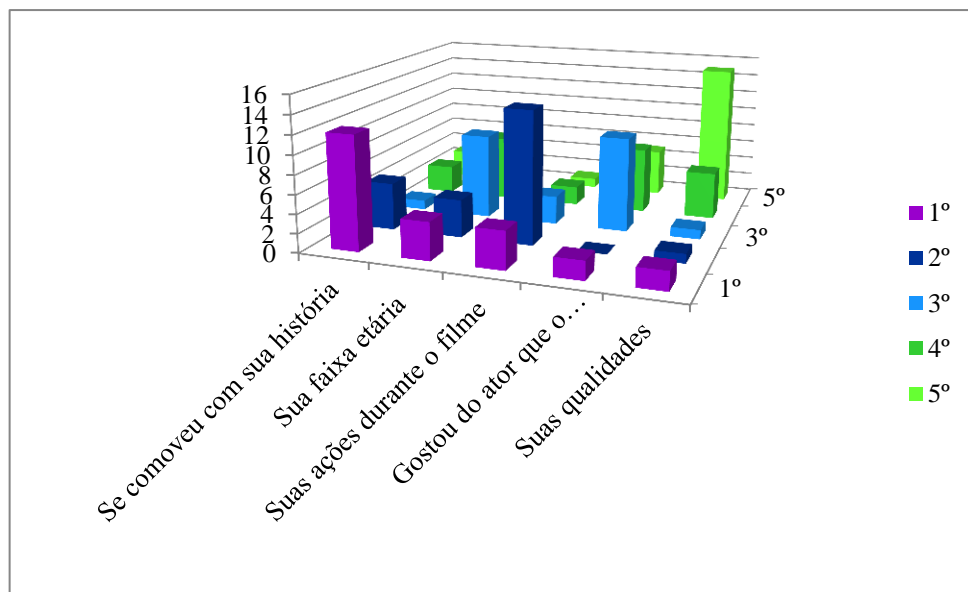


Figura 3 - Ordem de prioridade das razões de preferência dos protagonistas infantis

Tabela 5 - Ordem de importância dos quesitos na preferência dos protagonistas infantis

QUESITOS	1º	2º	3º	4º	5º
Comoveu-se com sua história	12	5	1	3	3
Sua faixa etária	4	4	9	7	0
Suas ações durante o filme	4	14	3	2	1
Gostou do ator que o interpreta	2	0	10	7	5
Suas qualidades	2	1	1	5	15

Nos resultados das razões pela escolha dos personagens, há uma evidente diferença entre os primeiros dois quesitos, deixando clara a preferência dos alunos pelos argumentos ligados a aspectos emocionais, seguidos pelos fatores inerentes aos próprios protagonistas. Seguem, em ordem estabelecida pelas informações dos alunos, os quesitos analisados.

4.2 A comoção com sua história

Assim como nos instrumentos comparativos, um aspecto com referência à narrativa do filme figura como o mais importante, no julgamento dos alunos, para a escolha de um personagem. Aqui, este está ligado à capacidade de comoção desta história. A preferência por essa justificativa foi expressiva entre os alunos, o que denota a importância da emotividade, mais uma vez, na inteligibilidade do filme, pois a comoção fez parte da interpretação geral da obra. Segundo Gratiot-Alfandery (2010, p. 36), *afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento, alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida*. Neste sentido, Wallon afirma que *compete precisamente às emoções, por sua orientação psicogenética, realizar esses vínculos que antecedem a intenção e o discernimento*. (2007 apud GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.70) Ou seja, a emoção faz parte do processo de construção do conhecimento, no momento em que é a primeira face de interação do ser humano com um objeto. No caso da análise, como é o das obras cinematográficas, a emoção exerce o papel de primeiro “filtro” pelo qual passarão as informações dos filmes, podendo até serem descartadas, se assim o desejar o inconsciente emotivo. Só após essas primeiras impressões, é que as informações apreendidas no filme passarão pelo crivo da reflexão e da construção do conhecimento. Não há como evitar ou transformar esse processo, no que se trata de obras cinematográficas, pois *é inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante*. (WALLON, 2007 apud GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.71) Mais uma vez é a superioridade de fatores inconscientes, ligados aos protagonistas infantis, superando, no julgamento dos alunos, aqueles os quais eles reconhecem de forma consciente como parte da interpretação do filme.

4.3 Suas ações durante o filme

Este quesito compreende, mais do que um simples aspecto de narrativa, a ideia de avaliação sobre as atitudes do protagonista, enfatiza uma possibilidade de identificação com a

postura do personagem, mesmo que este seja uma criança. A primazia desta justificativa é importante, dentre as razões elegidas pelos alunos, pois valoriza a identificação em uma perspectiva de ter o personagem protagonista como um modelo. Lima, ao falar da aprendizagem por meio da observação e imitação de modelos, diz que

por ter a possibilidade de inscrever em seu cérebro a ação realizada com seu resultado e, além disso, representá-la por meio de símbolos, o ser humano tem a possibilidade de superar esta molécula de ação para realizar outras, utilizando o conhecimento adquirido. É esta a base do processo humano de aprender. (LIMA, p.17-18)

Evidentemente que não se espera aqui que esta perspectiva venha a contribuir efetivamente na compreensão do conteúdo teórico de História, mas é certo que auxilia na preparação para um trabalho profícuo de análise, sobre as razões para determinadas ações que acabaram mexendo com o espectador. Além do mais, como já refletido aqui, a disciplina de História ultrapassa os objetivos como apenas conteúdos teóricos, contribuindo para o desenvolvimento de competências que permeiam o cognitivo, psíquico e o comportamental. Situa-se aqui a importância do reconhecimento das ações positivas dos personagens por parte dos alunos, a possibilidade de uma identificação construtiva.

4.4 Gostou do ator

O terceiro quesito em ordem de importância na escolha do personagem envolve a avaliação dos alunos espectadores sobre o ator que interpreta o papel do protagonista. Trata-se de um aspecto genuinamente técnico, mas que em algum momento transpassa a ordem de sua produção para se relacionar como uma escolha que influencia na linguagem cinematográfica. De nada adiantaria um papel escrito e construído para comover e impressionar, se o profissional infantil que desempenhasse o personagem não o desenvolvesse ao ponto de lhe conferir verdade e legitimidade, ainda mais se tratando de interpretações com potencial polêmico, ao introduzir personagens crianças em um mundo de ditaduras, e ainda atribuir-lhe sofrimento e intrepidez. Neste sentido, a escolha deste quesito por parte dos alunos como um dos três primeiros, faz-se importante porque indica uma atenção dos alunos sobre a presença deste ator na construção do personagem, um reconhecimento consciente de que há ali uma representação que, mesmo que se assemelhe a muitos personagens da vida real que vivenciaram sofrimentos semelhantes àqueles que afligem as crianças dos filmes, é uma

construção para fins unicamente representativos. Mesmo assim, ratifica o diferencial da presença dos protagonistas infantis nestas narrativas.

4.5 Faixa etária

Da mesma forma que no quesito anterior, o quinto motivo eleito pelos alunos trata-se de um aspecto que pode ser considerado técnico, mas que também se envolve diretamente com fatores de linguagem cinematográfica e empatia: a faixa etária dos protagonistas. Entre esta e a opção elencada anteriormente, “Gostou do ator”, houve pouca diferença nos números de ordenação dos alunos, por isso as duas podem ser compreendidas no mesmo patamar de importância para sua decisão entre os filmes. E assim como no quesito anterior, a importância dada pelos alunos para a faixa etária do personagem, denota que em sua maioria, eles têm a consciência da influência exercida pela idade, na sua preferência por esse personagem. Além disso, os alunos que participaram do estudo como espectadores, encontram-se em uma faixa etária de transição entre o mundo infantil e a adolescência. Segundo Gratiot-Alfandéry (2010, p.36), na concepção de Wallon *as transformações físicas e psicológicas da adolescência acentuam o caráter afetivo desse estágio. Conflitos internos e externos fazem o indivíduo voltar-se a si mesmo, para autoafirmar-se [...] e poder lidar com as transformações de sua sexualidade*. De alguma maneira, o reconhecimento da influência da idade do personagem na sua escolha por este, é uma forma de identificação, ao observar que aquele personagem enfrenta conflitos aflorados pelo seu desenvolvimento biológico, muito semelhantes aos que esse espectador também enfrenta. Os três longas-metragens com protagonistas infantis apresentam o desenvolvimento da sexualidade na construção de seus personagens infantis, que estão em direção à adolescência, isso explica a identificação de parte dos alunos, o que influencia em suas impressões sobre os filmes.

4.6 Suas qualidades

O quesito de maior desinteresse pelos alunos, no momento de justificar sua escolha pelos protagonistas infantis é o que se refere às qualidades do personagem. É bem verdade, o instrumento não esclarecia ao aluno que qualidades eram essas, justamente pela impossibilidade de compilar as qualidades de todos os personagens possíveis em um questionário padrão, mas era oferecido o espaço para que esse indicasse alguma que merecesse menção pela influência na escolha do personagem. Os resultados foram que

poucos alunos se valeram desse espaço para dedicar algum adjetivo para seu personagem, e mesmo entre os que fizeram, a maioria considerou este quesito entre os últimos na relevância para sua escolha. Atributos como “fofo”, “amigo” e “bondoso” pareceram dentre as qualidades conferidas aos protagonistas infantis, porém a mais presente foi “coragem”, ou corajoso para melhor expressar, virtude essa bem interessante quando se atribui a crianças. O que se pode inferir pela julgada despreensão das qualidades deste personagem escolhido é que a compaixão se sobressaiu a qualquer admiração por ele. Não que o personagem não tenha despertado uma admiração em seus espectadores - está aí o reconhecimento de sua coragem por alguns deles - o que ocorre é que esta qualidade foi gerada muito mais pelo enternecimento, desenvolvido ao acompanhar uma criança passando pelas provações que o enredo do filme lhe impõe, do que a uma idolatria, como é o caso dos super-heróis.

Vista e analisada a ordem de importância dos argumentos dos alunos pela escolha dos personagens, é interessante rever a ordem estabelecida pelos dados, pois curiosamente ela denota uma presença de reflexão sobre o filme e o papel do seu personagem na compreensão da narrativa como um todo, ao contrário do que pode parecer ser em um primeiro momento: uma ordenação de justificativas por aspectos puramente instintivos. Recapitulando os resultados, temos a seguinte ordem de relevância sobre a escolha dos protagonistas infantis: a comoção, as ações dos protagonistas, os atores que os interpretam, a faixa etária dos mesmos e, por último, suas qualidades. Interpretando estas justificativas, foi visto que a comoção faz parte de um processo de interpretação; a escolha das ações do protagonista evidencia uma observação e análise comportamental do personagem; o reconhecimento do ator demonstra a consciência da construção do personagem, assim como da sua faixa etária, que de mesmo modo denota uma empatia por este; por fim, as qualidades, que foram negligenciadas nas escolhas das justificativas, mas que quando indicadas, apontam um enternecimento pelo personagem. Ou seja, percebe-se aqui uma consciência por parte dos alunos dos efeitos que aquele personagem desencadeia em si. De alguma forma, este jovem espectador percebe a presença deste protagonista infantil, sabe que ele influencia em sua compreensão sobre o filme, mas não espera que isso comprometa seu discernimento ou opinião a respeito daquele enredo. Esta é mais uma possibilidade para o trabalho do professor em cima destes protagonistas, a análise de como estes influenciam no entendimento do aluno, já que só a interpretação das informações e a análise fílmica podem proporcionar a construção desses conhecimentos sobre uma obra cinematográfica.

4.7 Teve dificuldade de compreensão

Ao questionar o aluno espectador se ele encontrou alguma dificuldade na compreensão de uma maneira geral do filme, buscou-se obter algumas informações sobre aspectos dos filmes com protagonistas infantis que poderiam facilitar a assimilação da linguagem cinematográfica e também a apreensão de informações históricas, pois *ao proceder às operações mentais necessárias para a inteligibilidade do filme, o aluno estará elaborando o seu pensamento histórico na perspectiva da construção da consciência histórica [...]*. (ABUD, 2003, p.192)

Julga-se importante nesta investigação o processo de compreensão da narrativa fílmica, pois segundo Bransford,

para o desenvolvimento da competência numa área de investigação, os estudantes devem: (a) possuir uma base sólida de conhecimento factual, (b) entender os fatos e as idéias no contexto do arcabouço conceitual, e (c) organizar o conhecimento a fim de facilitar a recuperação e a aplicação. (2007, p.35)

Então, no momento que se insere o filme na sala de aula, sob a perspectiva de objeto de história, compreende-se que ele será um instrumento para o processo de desenvolvimento da competência, descrito ali por Bransford. Assim, o filme figura como o mote inicial no despertar deste processo, sendo uma fonte de informações que pode servir de base de conhecimento factual e também incitando a construção do conhecimento conceitual, no exercício da análise fílmica e de suas informações.

Nos instrumentos, foi solicitado aos alunos que indicassem uma das opções, se haviam encontrado “Muita dificuldade”, “Um pouco de dificuldade” ou “Entendi tudo”, com relação à compreensão geral do filme. Os resultados mostraram que entre os instrumentos sobre os filmes com protagonistas infantis, nenhum aluno indicou ter encontrado muita dificuldade, nove disseram ter tido um pouco de dificuldade e vinte consideraram ter entendido tudo. Já nos filmes sem a presença de protagonistas infantis, quatro disseram ter encontrado muita dificuldade na compreensão do filme, treze declararam ter tido um pouco de dificuldade e, apenas dez julgaram ter entendido tudo.

Entende-se que *o processo de tornar-se consciente de algo é complexo e função de vários fatores que interagem simultaneamente, como atenção, percepção, emoção*. (LIMA, 2002, p.15), fatores esses que podem ser externos também e ter influência sobre a compreensão dos alunos. Porém, os números são expressivos a favor de uma maior compreensão, segundo o julgamento dos alunos, naqueles filmes que apresentam protagonistas infantis e, devido à presença de uma minoria de números favoráveis, esse

favorecimento não pode ser atribuído aos filmes sem protagonistas infantis. Sabe-se também que o processo de discernimento e entendimento sobre qualquer objeto é particular e que cada indivíduo possui seu tempo para a construção de relações e significados sobre as novas interações que recebe. Muito disso graças ao que Pozo denomina como *conhecimento prévio* e ratifica ao afirmar que *nosso conhecimento implícito tem por função simplificar ou reduzir a complexidade do mundo*. (2002, p.219). O fato é que, alguns alunos têm mais ou menos facilidade na compreensão de diferentes aspectos da linguagem cinematográfica, o que se investiga aqui é até que ponto a presença de protagonistas infantis auxilia nesta compreensão, independentemente das pré-disposições de seus espectadores aprendizes.

Ao assistir um filme com objetivos didáticos,

nesse processo de tentar assimilar ou compreender novas situações, ocorre não só um crescimento ou expansão desses conhecimentos prévios, como também, como consequência desses desequilíbrios ou conflitos entre os conhecimentos prévios e a nova informação, um processo de reflexão sobre os próprios conhecimentos, que, conforme sua profundidade, [...], pode dar lugar a processos de ajuste, por generalização, e discriminação, ou reestruturação, ou mudança conceitual, dos conhecimentos prévios. (POZO, 2002, p.212)

As condições requisitadas para o desenvolvimento deste processo têm relação direta com o tipo de interação que o sujeito aprendiz vai estabelecer com seu objeto. E, como denotam os resultados dos instrumentos, nesta e em outras questões já exploradas neste trabalho, a interação firmada pelos alunos com os filmes de protagonistas infantis é potencializada por aspectos de caráter emotivo e de empatia por estes personagens. Fundamenta-se a superioridade de compreensão dos filmes com protagonistas infantis sobre os demais, indicada pelos alunos, na facilidade de interação com estas obras. Isso se deve muito aos seus aspectos que simplificam a leitura cinematográfica e a predileção por alguns elementos, como o próprio protagonista infantil.

4.8 Aprendeu alguma coisa

Assim como na questão ligada à aprendizagem, contida nos instrumentos comparativos, aqui não se pretende abarcar o sentido de construir conhecimento, mas sim obter informações sobre o que foi ficado evidenciado para aluno, no que concerne ao conteúdo histórico representado no filme. Foi questionado aos alunos se estes tinham aprendido alguma coisa com o filme e dadas as opções “Sim” e “Não”, caso a resposta fosse “sim”, havia um espaço solicitando que o aluno descrevesse o que aprendeu, caso fosse “não”, pedia-

se que o aluno dissesse por que acredita que não aprendeu. Nos resultados gerais, nos filmes com protagonistas infantis, em 55% dos instrumentos os alunos indicam que “aprenderam” alguma coisa e nos restantes 45% a resposta é não. Já nos filmes sem protagonistas infantis, os resultados se invertem e 40% indicam que aprenderam alguma coisa e nos demais 60%, assinalam que não aprenderam nada. Os resultados gerais evidenciam que a presença dos protagonistas infantis, de algum modo potencializou a apreensão de algumas informações e proporcionou a reflexão sobre outras, levando os alunos espectadores a considerar que aprenderam mais com estes filmes. Para se compreender melhor esta constatação, serão observadas algumas das contribuições dissertativas presentes nos instrumentos.

É verdade que apenas alguns poucos alunos empregaram a atenção na parte dissertativa da questão, mas dentre estes foram selecionadas algumas considerações mais pertinentes à discussão destes resultados. As respostas dizem respeito principalmente a conteúdos da temática histórica e também ao desenvolvimento de competências atitudinais, ambos os pontos presentes nestas respostas, apresentam alguma ligação com aspectos emotivos.

Sobre conteúdos da temática histórica, foram registradas respostas tal como “Sobre as manifestações que ocorriam em homenagem às pessoas desaparecidas.” (AV 4), “Como foi o Chile em momento de conflitos entre sua população” (RM 5), “Como foi o final da ditadura no Chile e como ela terminou.” (SV 6) e “Como era dura a época da ditadura militar” (RM 1). Registros puramente teóricos, mas que já significam algum desenvolvimento de significados para aquilo que está sendo apresentado nos filmes. Ainda sobre temática histórica, foram encontradas as respostas “Eu aprendi que vários amores foram perdidos durante a ditadura e que quem sofreu com as perseguições, sofreu muito e não superou tão fácil ou simplesmente não esquece” (APP 2) e “Que nossas ideias políticas não devem nos atrapalhar e que não se deve mentir em relação aos filhos.” (SV 4). Estes *feedbacks* conferem um amplo grau de emotividade à sua compreensão histórica, o que atribui importante significação para estes conteúdos apreendidos com os filmes, pois, dificilmente o aluno esquece-se de algo que assimilou relacionando a reações emocionais. Já é sabido que *o uso do audiovisual confere vibração e calor aos debates sobre a ditadura civil-militar. Como nas melhores sessões de cinema, o fim do filme é apenas o início da conversa*, (PINTO, 2014, p.71) por isso a persistência de inúmeras pesquisas no campo da relação entre cinema, história e ensino, para aprimorar cada vez mais estas conexões.

Já sobre as citadas competências atitudinais, foram selecionadas respostas como “Aprendi que o que acontecia antigamente é um pouco parecido com hoje, todas as pessoas se

tratam de maneira diferente por seus vestes, cor, raça, etc.” (GNR 5) e “Que deve-se aceitar e honrar sua família, mesmo quando não se tem mais eles, ou quase.” (SV 3). Argumentos como estes endossam a compreensão de que o ensino de História não trata apenas de conteúdos teóricos, mas também do desenvolvimento do ser humano em sociedade. Isso não significa que este desenvolvimento não venha a contribuir também para a compreensão de conceitos e para a aprendizagem histórica. Ao descrever o processo de aprendizagem, por meio de reações emocionais, Wallon (2007 apud GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.73) defende que *entre a emoção e a atividade intelectual, mesma evolução, mesmo antagonismo. Antes de qualquer análise, o sentido de uma situação se impõe pelas atividades que desperta, pelas disposições e atitudes que suscita*. Dessa forma, a primeira reação emotiva do aluno, pode vir a auxiliar posteriormente, no desenvolvimento de uma compreensão histórica. É preciso dizer que isto não significa uma aprendizagem padronizada, segundo Gratiot-Afandéry (2010, p.33), a teoria de Wallon *também questiona a visão linear que normalmente é conferida ao desenvolvimento, como se fosse um sucessivo alargar de possibilidades e recursos internos*, pois a aprendizagem se constrói de forma diversa e ímpar em cada indivíduo e está mais para um *brainstorm*, do que para uma linha do tempo.

Existem ainda mais algumas afirmações que merecem considerações, como “Aprendi que não são coisas pequenas que vão me derrubar, só vão me dar mais força” (PC 1) e “Eu nunca deixaria meus pais se separarem de mim.” (AG 1). Ambas as respostas expõem uma identificação com o protagonista do filme, onde o aluno se compara com o personagem, ou se imagina passando por situação semelhante a dele. O interessante aqui é que ambos os alunos que desenvolveram estas respostas, na questão seguinte do mesmo questionário, disseram não se identificar com o protagonista do filme. Este tipo de contradição não deve representar um empecilho ao desenvolvimento de alguma atividade em cima de informações e da comoção sobre os filmes. Da mesma forma, a justificativa “Eu não senti uma ligação com o filme” (RM 2), usada por um dos alunos que respondeu “não” para a questão da aprendizagem, não deve impossibilitar o trabalho sobre essas impressões obtidas em um primeiro momento, pois elas podem ser desenvolvidas em algo representativo sobre a razão de sua natureza. Ainda na interpretação de Gratiot-Afandéry, na teoria de Wallon, deve-se

reconhecer, [...] que conflitos e contradições são características constitutivas da dinâmica do desenvolvimento da criança e, não, problemas a serem combatidos por educadores e outros profissionais dedicados à infância. Indo além, ele afirma que as crises do processo têm um papel dinamizador do desenvolvimento e, portanto, são benéficas. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.34)

O processo de aprendizagem, como já mencionado, é ímpar e se diferencia entre os indivíduos, mas *a aprendizagem significativa implicará sempre tentar assimilar explicitamente os materiais de aprendizagem [...] a conhecimentos prévios que em muitos casos consistem em teorias implícitas ou representações sociais adquiridas por processos igualmente implícitos.* (POZO, 2014, p. 212). Assim sendo, conflitos como estes não podem ser considerados uma obstrução para o conhecimento, mas sim uma matéria prima de transformação, para se atingir novos conceitos e novas experiências.

4.9 Identificou com o protagonista

O objetivo da questão era buscar algum reconhecimento de empatia surgida por parte dos alunos, com relação aos seus protagonistas. Os resultados apontaram que, apesar das diferentes manifestações de identificação e compreensão emocional, os alunos em sua grande maioria não acreditam desenvolver qualquer tipo de identificação com aquele personagem. Dentre os filmes com protagonistas infantis, em apenas três deles os alunos apontaram uma identificação com os personagens. E nos instrumentos sobre os filmes sem protagonistas infantis, somente um dos alunos reconheceu essa identificação. As justificativas registradas foram as seguintes: “Quando ele queria virar goleiro” (JV 1), “Todos temos amigos de diferentes raças, classes sociais, mas todos somos iguais” (GNR 5) e “Por que sofri também.” (RN 2). Todas elas manifestam traços de cumplicidade entre situações vividas pelos personagens e que promove um sentimento de empatia com as dificuldades que este venha a enfrentar durante o filme. *Empatia, aliás, é o tema-chave na hora de escolher os filmes a serem usados nas aulas. [...] as ficções tendem a priorizar o ponto de vista individual.* (PINTO, 2014, p. 71). Os testemunhos transcritos aqui corroboram os demais resultados deste trabalho, quando se constata que onde há empatia e identificação, há uma significação importante daquilo que se extrai da obra cinematográfica, favorecendo o exercício de interpretação a ser realizado a partir destas informações, o que constitui propriamente a análise do filme histórico.

4.10 Cena predileta

Na última das questões abordadas pelos instrumentos de pesquisa, foi solicitado aos alunos que selecionassem uma cena que havia o marcado durante o filme, pedindo uma

descrição para reconhecimento. Os registros realizados pelos alunos em sua maioria reportam passagens de grande comoção dentro do contexto da obra. As passagens foram citadas de forma dissertativa, para possibilitar a liberdade para a expressão das considerações dos alunos sobre aquela cena, por isso a impossibilidade de quantificar e sistematizar o número de cenas aqui, mas serão referidas aquelas mais mencionadas dentre os alunos. Nos filmes com protagonistas infantis, sobressaem-se cenas que retratam a violência dos militares em vários momentos, como assassinatos, interrogatórios e revistas, como “A família de Machuca sendo destruída pelos policiais” (GNR 5) e “A cena que ele resiste e fica falando seu nome falso” (PC 3), relatando a passagem do interrogatório do protagonista. Destaca-se também a grande comoção dos alunos espectadores com o reencontro entre mãe, após o sumiço interminável dos pais do garoto – “Me comoveu a parte que apenas a mãe do garoto volta pra ele e o pai não.” (AG 1). Além de, em dois dos filmes deste grupo, serem lembradas as cenas de um beijo que envolve o protagonista. É interessante também referir que todas as demais cenas descritas do Filme 1, são sequências de grande comoção, como a solidão do menino deixado sozinho na casa do avô.

Nos filmes sem protagonistas infantis, permanece a predominância de cenas com grande teor dramático. Dentre as que mais impressionaram os alunos estão a passagem em que o personagem faz um corte no rosto e que rendeu diferentes interpretações registradas nos instrumentos, a mais expressiva comenta “A cena em que o cara está se cortando para demonstrar que Vera estava ferindo seu coração” (RM 2), e também a sequência final do Filme 4, em que o marido da protagonista agride esta, que gerou até um princípio de tumulto no momento da exibição, registrada assim pelo mesmo aluno “A cena no final quando a mulher foi agredida. É absurdo.” (RM 4). É interessante atentar para a forma com que ele descreve a cena, colocando a protagonista na voz passiva, ao contrário de outros colegas que descreveram a passagem como “o homem agride a mulher”. Até nesses pequenos pormenores é possível perceber uma compaixão por parte dos alunos e se faz preciso explorá-la em favor da compreensão dos filmes.

É necessário dizer também que houve o reconhecimento de algumas cenas de alegrias, além da do beijo já mencionada, houve uma passagem no Filme 2 em que entra em cena um cachorro. É interessante observar que a presença do animal de estimação tem quase o mesmo efeito que a dos protagonistas infantis em uma narrativa. Em descrição de uma aluna “A cena que o cachorro entra em casa trazendo vida e alegria pra protagonista, fazendo ela seguir em frente com a vida.” (APP 2). As cenas de grande comoção positiva, também trazem uma

significação para os alunos, podendo também servir de mote problematizador em algum momento da análise fílmica.

Sabe-se que essa seleção de cenas *é uma primeira forma de compreensão, mas ainda totalmente dominada pelo interesse do momento e comprometida com os casos particulares* (WALLON, 2007 apud GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.74), a chamada primeira impressão, norteadas pelos aspectos em sua maioria emocionais. Mas ao referir-se sobre a retenção de informações, Bransford, o mesmo autor que acredita na contribuição da informação factual para o desenvolvimento posterior de conhecimentos sobre ela, cita o exemplo de

quando se compara a memória para as palavras com a memória para as imagens dos mesmos objetos, verifica-se que as imagens têm efeito superior. O efeito superior das imagens também é evidente quando se combinam palavras e imagens durante a aprendizagem. Sem dúvida, essa descoberta tem importância direta para a melhoria da aprendizagem a longo prazo de certos tipos de informações. (BRANSFORD, 2007, p.167)

Considerando essas afirmações, o efeito das imagens em movimento de uma obra cinematográfica compreende uma possibilidade ímpar de sistematização de informações para o desenvolvimento de análises fílmicas de caráter histórico. Dependerá do professor, desenvolver uma estratégia que potencialize a natureza dinâmica dos filmes, de maneira a promover um aprendizado profícuo por meio de suas representações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em artigo na Revista de História da Biblioteca Nacional, intitulado *Ainda o silêncio* (PEREIRA, 2012), foi constatado e analisado o fato de ainda haver verdadeiramente um “silêncio” velado sobre o lado mais violento e perverso do período ditatorial do Brasil nas salas de aula, na disciplina de História. Poderiam ser listados inúmeros motivos para que isso ocorra, e embora nenhum justifique a abstenção de um discurso, são eles que impedem o desenvolvimento de uma consciência social e política sobre o passado violento do nosso país e também que sejam atribuídas responsabilidades por este. Sendo assim, é profícua toda nova estratégia que venha a colaborar com a mudança deste cenário. O cinema diverte, alegra, emociona, mas como discutido aqui, desde seu princípio apresenta um sério papel social na história, atuando ele mesmo como agente importante em algumas passagens políticas da história mundial,⁸ nada mais conveniente que seu emprego em um propósito como o descrito aqui. A presença de protagonistas infantis nestas histórias contadas pelo cinema, como inferido neste trabalho, aumenta sua potencialidade de comoção, no sentido de instigar, semear a reflexão e desafiar a curiosidade, para que se saiba mais sobre estes fatos.

Às vezes, alguns dos filmes consagrados sobre o período são considerados mais “realistas” por exporem os fatos ocorridos de forma mais aberta, retratando a real violência com que ocorreram as torturas, sequestros e a resistência armada, em cenas que causam além da revolta, medo e inquietação. Porém, a maioria destes filmes não é apropriada para a exibição em sala de aula, especialmente para o ensino fundamental, justamente pela exposição de violência, nudez e outros fatores que regem a classificação etária. Dado a isso, alguns outros apropriados para o trabalho, podem não receber por parte dos alunos, a atenção merecida, como foi constatado em alguns casos, desperdiçando assim a possibilidade ímpar na vida escolar de um aluno de História, de promover a conscientização social sobre este período triste da história brasileira.

Encontra-se aqui talvez o maior dos benefícios do emprego de um filme com os protagonistas infantis, a adequação à idade dos alunos, possibilita a eles tornarem-se conscientes das ações daquele objeto de representação histórica sobre sua compreensão da temática, tornando-o assim, efetivamente protagonista na construção do seu conhecimento. Pode-se afirmar assim que o cinema, em seus filmes, consiste em um valioso recurso para a problematização do conhecimento histórico a ser abordado em sala de aula, sistematizando

⁸ Como referência ver: FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992. Neste conjunto de ensaios sobre o cinema, Ferro realiza análises sobre o uso do cinema como arma ideológica nazista, antinazista e soviética.

suas informações e possibilitando o trabalho mediador do professor no contato do aluno com uma fonte de história. Para exercer esse trabalho com os filmes de protagonistas infantis, sugere-se aqui a abordagem problematizada das informações retidas durante uma exibição de um filme histórico, da mesma maneira com que se trabalha e analisa o chamado conhecimento prévio, aquele que o aluno traz consigo previamente, construído de maneira informal, analisando sua natureza, somando informações, estabelecendo relações, construindo conceitos e transformando conhecimento.

Naturalmente, muitas das possibilidades de investigação existentes dentro dos próprios instrumentos desenvolvidos para esta pesquisa não puderam ser exploradas, por não estarem dentro dos objetivos propostos, ou demandarem maior atenção do que seria possível dispensar neste trabalho, ou ainda por estarem além das competências deste estudo. Devido a isso, ficam abertos inúmeros caminhos a serem percorridos dentro da temática do uso dos filmes com protagonistas infantis, dentro mesmo da própria área do ensino de História, pois está aqui abordado apenas um dos incalculáveis temas históricos nos quais podemos fazer uso da relação com o cinema. Fica o desejo da contribuição para o universo das práticas docentes e também para o aperfeiçoamento do ensino de história, para algo que realmente forme cidadãos mais conscientes de sua trajetória nesse mundo, para que estes transformem não só suas vidas, mas a realidade em que vivem.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Katia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. *História*, Franca, v. 22, n. 1, p. 183-193, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a08.pdf> Acessado em 20 de fevereiro de 2015.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BRANSFORD, John D.; BROWN, Ann L.; COCKING, Rodney R. *Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiência e escola*. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. Tradução: Flávia Nascimento.
- _____. O Filme – Uma contra-análise da sociedade? In: NORA, Pierre. (Org.) *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. Disponível em: www.educacaopublica.rj.gov.br/oficinas/historia/reverso/downloads/MarcFerro.pdf Acessado em: 23 de março de 2015.
- GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. *Henri Wallon*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Tradução Patrícia Junqueira.
- LIMA, Elvira Souza. *Desenvolvimento e aprendizagem na escola*. São Paulo: Sobradinho, 2002.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim. *Criança e imagem no olhar sem corpo do cinema*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para pensar a pesquisa em Cinema e Educação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.36, n.2, p. 505-519, maio/ago, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/16944/12912> Acessado em: 20 de junho de 2015.
- MULLER, Eduardo Grahl. *O uso de filmes nas aulas de história*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. Cinema e ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v.5, ano 5, n.2, abril/maio/junho de 2008. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF15/Artigo_05_%20ABRIL-MAIO-JUNHO_2008_Jairo_Carvalho_do_Nascimento.pdf Acessado em: 20 de junho de 2015.
- NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da história. *Olho da História*, Salvador, v. 2, n. 3, dez. 1996. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3cris.html> Acessado em: 20 de março de 2015.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Ainda o silêncio. Revista de História da biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 7, n.83, p.36-39, agosto de 2012.

PINTO, Carlos Eduardo Pinto de. Isso daria um filme. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 10, n.108, p. 68-71, setembro de 2014.

POZO, Juan Ignacio. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre, Artmed, 2002.

PRATS, Joaquín. Ensinar História no contexto das ciências sociais: princípios básicos. Educar, Curitiba, p.191-218, 2006. Disponível em http://www.ub.edu/histodidactica/images/documentos/pdf/ensinar_historia_ciencias_sociais_principios_basicos.pdf Acessado em: 02 de julho de 2015. Edição Especial.

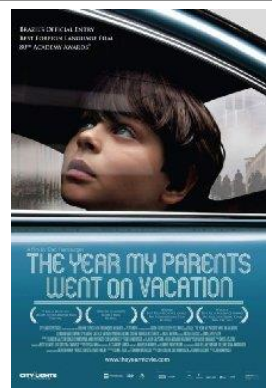
TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LARROSA, Jorge; LOPES, José de Souza Miguel. (Org.) *A infância vai ao cinema*. São Paulo: Autêntica, 2006.

WALLON, Henry. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Tradução Claudia Berliner.

ANEXO I – Fichas técnicas e informações sobre os filmes

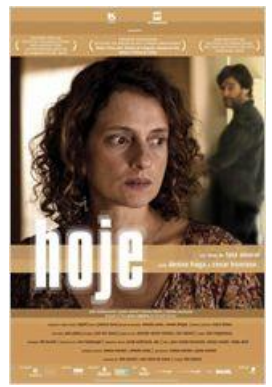
Título Original: O ano em que meus pais saíram de férias
Título em português: O ano em que meus pais saíram de férias
Nacionalidade: Brasil **Ano:** 2006
Direção: Cao Hamburger **Duração:** 110 min
Roteiro: Cao Hamburger, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert
Produção: Gullane Filmes e Caos Produções
Distribuidora: Buena Vista International

Fonte: <http://www.imdb.com/title/tt0857355/>



Título Original: Hoje
Título em português: Hoje
Nacionalidade: Brasil **Ano:** 2011
Direção: Tata Amaral **Duração:** 90 min
Roteiro: Jean-Claude Bernadet, Rubens Rewald, Felipe Sholl
Produção: Caru Alves de Souza e Tata Amaral
Distribuidora: H2O Films

Fonte: <http://www.imdb.com/title/tt2072993/>



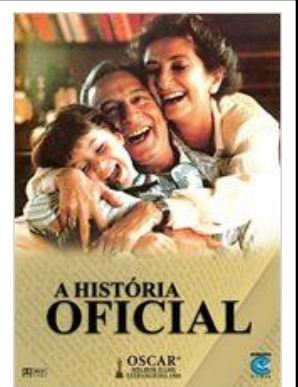
Título Original: Infancia Clandestina
Título em português: Infância Clandestina
Nacionalidade: Argentina **Ano:** 2011
Direção: Benjamín Ávila **Duração:** 112 min
Roteiro: Benjamín Ávila e Marcelo Müller
Produção: Luiz Puenzo
Distribuidora: Imovision

Fonte: <http://www.imdb.com/title/tt1726888/>



Título Original: La historia oficial
Título em português: A história oficial
Nacionalidade: Argentina **Ano:** 1985
Direção: Luiz Puenzo **Duração:** 112 min
Roteiro: Luiz Puenzo e Aída Bortnik
Produção: Marcelo Pineyro
Distribuidora: Europa Filmes

Fonte: <http://www.imdb.com/title/tt0089276/>



Título Original: Machuca

Título em português: Machuca

Nacionalidade: Chile

Direção: Andrés Wood

Roteiro: Roberto Brodsky, Mamoun Hassan e Andrés Wood.

Produção: Wood Producciones

Distribuidora: Mais Filmes

Ano: 2004

Duração: 116 min

Fonte: <http://www.imdb.com/title/tt0378284/>



Título Original: No

Título em português: No

Nacionalidade: Chile

Direção: Pablo Larraín

Roteiro: Pedro Peirano

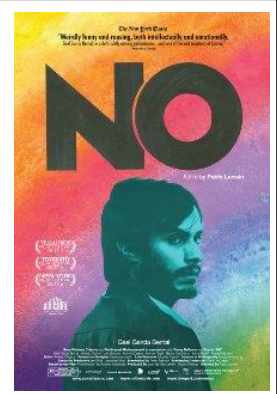
Produção: Juan de Dios Larrain

Distribuidora: Imovision

Ano: 2012

Duração: 118 min

Fonte: <http://www.imdb.com/title/tt2059255/>



ANEXO II – Instrumentos de pesquisa aplicados após a exibição dos filmes

QUESTIONÁRIO SOBRE IMPRESSÕES DOS FILMES APRESENTADOS:

Identificação do aluno: _____ **Filme Nº** _____

1. Qual o personagem do qual você mais gostou / se identificou? _____

1.1 Enumere de 1 – 5 em ordem de importância as razões por ter preferido este personagem:

- () Se comoveu com sua história.
- () Sua faixa etária (idade).
- () Suas ações durante o filme (como ele age durante a história).
- () O ator que faz o personagem é muito bom.
- () Suas qualidades. Quais? _____

2. Teve dificuldade na compreensão de algum aspecto da história com relação ao seu enredo?

- () Sim, muita dificuldade.
- () Um pouco de dificuldade.
- () Entendi tudo.

3. Você aprendeu alguma coisa com este filme?

- () Sim Se sim, exemplifique. Se não, diga por que acredita que não aprendeu.
- () Não

4. Em algum momento você se identificou com o protagonista do filme?

- () Sim Se sim, exemplifique.
- () Não

5. Selecione a cena do filme que mais marcou você e a descreva.

Obrigada pela colaboração!

QUESTIONÁRIO COMPARATIVO SOBRE OS FILMES APRESENTADOS:**Identificação do aluno:** _____ **Filmes Nº** ____ **e** ____

1. Qual dos filmes você gostou mais? _____
 - 1.1 Enumere de 1 – 5 em ordem de prioridade, as razões de sua preferência por este filme:
 - () A história e o enredo em geral.
 - () Os personagens são mais interessantes.
 - () É mais emocionante.
 - () Gostou mais do protagonista.
 - () A trilha sonora e outros aspectos técnicos.
2. Com qual dos filmes você aprendeu mais sobre História? _____
3. Em qual dos filmes você gostou mais dos personagens? _____
4. Qual dos filmes você gostaria de mostrar para um amigo, caso tivesse a oportunidade? _____

Justifique:
